

Em mais esse número especial, a *Diaphonía* entrevista um dos Professores Visitantes, em duas ocasiões, do PET. Trata-se do Professor Doutor Sirio Lopez Velasco (FURG), a quem, desde já, agradecemos e registramos, aqui, particularmente, pelo prestigioso aceite do convite.

D [Diaphonía]

S [Sirio Lopez Velasco]

D¹ – O senhor poderia retratar um pouco acerca de sua biografia, formação, e que, em especial, motivou tanto o interesse pela Filosofia?

S¹ – Desde a adolescência me inseri na luta política no Uruguai; militei e tive responsabilidades no Movimiento de Liberación Nacional – Tupamaros (organização político-militar clandestina); quando a repressão ficou insuportável (com muitos assassinatos, desaparecimentos e torturas sistemáticas) a Direção do MLN-T decidiu que eu e outr@s companheir@s devíamos partir para o exílio, para retornar ao Uruguai no momento oportuno; assim passei pelo exílio no Chile, em Cuba, e finalmente na Bélgica; foi ali que tive o tempo e as condições para retornar aos estudos, nos quais me propus revisar e sistematizar e aprofundar os fundamentos teóricos do meu engajamento político-social; daí o meu interesse pela Filosofia; na Bélgica descobri a questão ecológica e prossegui meus estudos até concluí-los com um Doutorado em Filosofia e uma Licenciatura em Lingüística; mais tarde (e já sendo docente universitário no Brasil por mais de quinze anos) fiz meu primeiro Pós-Doutorado na Espanha.

D² – Desse percurso, a sua passagem, aqui, pela UNIOESTE. Como o professor avalia o trabalho, à época, na condição de Professor Visitante, junto ao PET?

S² – Naquela oportunidade tanto o PET quanto a minha experiência nele foram novidades (para o Brasil e para mim). Lembro do interesse e dedicação d@s então alun@s ao trabalho (dentre eles o Professor Claudinei, orientado pelo professor Pedro Gambim). Acredito que por sua vez eles gostaram da minha visão e pesquisa filosóficas, pois as mesmas se articulavam (e se articulam até hoje) em torno da fundamentação última da ética e das aplicações da mesma no processo de emancipação humana (com horizonte ecomunitarista).

D³ – Nos últimos anos, o professor tem se dedicado a inúmeros projetos e iniciativas. Parte significativa disso está embasada numa criação muito original de proposta filosófica denominada “Ética da Produção”. Qual a sua avaliação desse trabalho? Quais outros projetos futuros nessa perspectiva?

S³ – Na verdade o meu livro “Ética de la Producción” foi a minha primeira tentativa de achar a fundamentação última da ética e suas normas básicas de alcance

intersubjetivo universal. Mas logo vi que havia um sério problema na minha dedução, pois o alcance das normas deduzidas à luz da lógica da produção não amparava a todos os seres humanos. Daí que a minha proposta madura foi publicada na trilogia (hoje esgotada) intitulada “Ética de la Liberación”, que anos depois condensei num só volume intitulado “Ética para o século XXI. Rumo ao ecomunitarismo” (Ed. Unisinos, São Leopoldo, 2003 e reedição em 2005; essa obra teve em 2009 uma edição mexicana ligeiramente modificada-ampliada intitulada “Ética ecomunitarista”). Desde então venho detalhando em mais de uma dúzia de livros e muitos artigos a proposta ecomunitarista alicerçada nas três normas éticas básicas argumentativamente deduzidas da pergunta que instaura a Ética (a saber, ‘Que devo fazer?’), e por isso mesmo insuperáveis pois atingem o limite do pensamento discursivo, nas esferas da educação ambiental ecomunitarista (que inclui todas as questões do meio ambiente entendido em sentido amplo, conforme o exige a lei brasileira de Política Nacional de Educação Ambiental, PNEA, de 1999, e na minha proposta abrange também, por exemplo, a educação física e a educação sexual), da economia ecológica e sem padrões, da política (também entendida no seu sentido amplo e abrangendo do nível local até o planetário) e da comunicação.

D⁴ – Você também é membro de várias sociedades e associações científicas ou filosóficas. Dentre elas, tem sido uma presença marcante e significativamente decisiva no *GT/Ética e Cidadania*, além da criação do *GT/Filosofia na América Latina, Filosofia da Libertação e Pensamento Pós-Colonial*, todos ligados à ANPOF. Que balanço, o professor faz hoje, de mais esses projetos?

S⁴ – Na verdade o GT *Ética e Cidadania* que criamos lá nos anos 90 num encontro com colegas de vários Estados do Brasil num encontro ocorrido no Rio de Janeiro, se propunha focar as suas atividades na Filosofia da Libertação, valorizando como ponto de partida a Filosofia Latino-americana (que acredito que até hoje desenvolveu somente três paradigmas sistemáticos na área, que são os de Rodolfo Kusch, Enrique Dussel e o meu, embora tenha muitos outros pensadores significativos, como é o caso de Arturo Andrés Roig); no entanto à época julgou-se que o CNPq não aceitaria um GT com esse nome e foco, e por isso escolheu-se o de “Ética e cidadania”; infelizmente aquela precaução derivou num afastamento desse GT do foco inicialmente definido, e hoje o mesmo tem um perfil muito difuso (o que não impede que ainda me sinta vinculado a ele, em especial quando sou chamado a colaborar com as suas atividades). Essas circunstâncias levaram a ideia, nos recentes Congressos Brasileiros e Filosofia da Libertação, de se criar um novo GT com o nome e temática de “*Filosofia na América Latina, Filosofia da Libertação e Pensamento Pós-Colonial*”; esse GT recém inicia a caminhada, pelo que estou na disposição de ajudar-participar nele na medida das minhas possibilidades, mas ainda é cedo para se fazer qualquer balance da sua ação.

D⁵ – O professor poderia elencar seus trabalhos mais representativos, nesse

contexto de produção?

S⁵ – Entre minhas produções publicadas, destacam-se *Reflexões sobre a Filosofia da Libertação*, Campo Grande, CEFIL, 1991, 197p; *Ética de la Producción: Fundamentos*, Campo Grande, CEFIL, 1994, 88p; *Ética de la Liberación*. Oikonomia, Campo Grande, CEFIL, 1996, 86p; *Ética de la Liberación*, Vol. II (Erótica, Pedagogía, Individuología), Campo Grande, CEFIL, 1997, 124p; *Ética de la Liberación*. Vol. III (Política socio-ambiental ecomunitarista), Rio Grande, EDGRAF, 2000, 160p; *Fundamentos lógico-linguísticos da ética argumentativa*, São Leopoldo, Nova Harmonia, 2003, 175p; *Ética para o século XXI: rumo ao ecomunitarismo*, São Leopoldo, Unisinos, 2003 e 2005, 285p; *Ética para mis hijos y no iniciados*, Barcelona, Anthropos, 2003, 95p; *Alias Roberto. Diario ideológico de una generación*, Montevideo, Baltgráfica, 2007, 200p; *Introdução à educação ambiental ecomunitarista*, Rio Grande, Editfurg, 2008, 188p; *Ecomunitarismo, socialismo del siglo XXI e interculturalidad*, Rio Grande, Editfurg, 2009, 150 pp, y, S. J. de los Morros/Caracas, El Perro y la rana/MPP para la Cultura, 2008 e 2012, 170p; *Ética ecomunitarista*, San Luis Potosí, UASLP, 2009, 270p; *Ucronía*, Rio Grande, Editfurg, 2009, 125p; *El socialismo del siglo XXI en perspectiva ecomunitarista a la luz del socialismo real del siglo XX*, San Luis Potosí, UASLP, 2010, 145p; *Ideias para o socialismo do século XXI com visão marxiana-ecomunitarista*, Ed. FURG, Rio Grande, 2012, 258p; *La TV para el socialismo del siglo XXI: ideas ecomunitaristas*, Ed. 13, Quito, 2013, 137p; *Elementos de Filosofía da ciência*, Ed. FURG, Rio Grande, 2014, 110p e, por fim, em coautoria com María Josefina Israel Semino, *Confieso que sigo soñando*, Ed. Baltgráfica, Montevideo, 2014, 107p.

D⁶ – Conte-nos sobre a sua experiência na FURG como instituição tendo em vista, hoje, o cenário político das universidades federais.

S⁶ – A FURG é uma Universidade Federal com pouco mais de 40 anos, e tem se expandido muito nas últimas duas décadas; nesse contexto tive a honra e a felicidade de ser em 1994 um dos fundadores e o primeiro Coordenador do Mestrado em Educação Ambiental (que em 2006 se ampliou para Doutorado, sendo ambos cursos os únicos na área até hoje reconhecidos no Brasil pela CAPES/MEC). No entanto hoje sofre como todas as Universidades Federais (e em geral as instituições públicas e as políticas sociais) com sucessivos cortes que podem comprometer seriamente seu presente e futuro (se a luta de tod@s @s brasileir@s, e em especial dos setores diretamente vinculados á educação, não conseguir reverter o sombrio panorama que hoje presenciamos)

D⁷ – Qual sua opinião sobre a disciplina Filosofia no ensino médio e sobre a formação filosófica na universidade? Qual a relação com políticas públicas?

S⁷ – Considero, e assim o tenho dito em recentes eventos e assembléias, que a Filosofia faz e deve fazer parte da formação integral, na chamada “tradição educativa

ocidental”, pois assim vem acontecendo desde a Grécia clássica. Não é por acaso que hoje há disciplinas de Filosofia em todas as Licenciaturas brasileiras, e que no Brasil, após longa luta, tinha se conseguido a volta generalizada da Filosofia ao Ensino Médio (conquista esta que hoje periga em função da MP em discussão no Congresso Nacional, se não conseguirmos reverter esse quadro).

D⁸ – Qual a sua perspectiva para a filosofia no país e, sobretudo, em nível latino-americano? Que desafios, a área tem, pela frente?

S⁸ – No Brasil vejo como primeiro principal desafio não perder os espaços conquistados pela Filosofia no Ensino Médio e nas Universidades (e tentar ampliá-los para o Ensino fundamental, respeitando os limites lógico-éticos da idade dessas/es alun@s); isso vai depender da nossa luta e do respaldo social massivo que a mesma possa conseguir. No mesmo nível de importância vejo o desafio de se desalienar a Filosofia praticada no Brasil e na A. Latina, pensando a partir de nossa realidade e pensadores (embora o nosso horizonte sempre se estenderá até o Planeta e o Universo e tod@s @s pensadoras/es de todos os Continentes serão fontes da nossa inspiração e pesquisa). Como terceira dimensão do mesmo desafio vejo a necessidade de continuarmos a ganhar para a Filosofia da Libertação (especialmente a produzida na A. Latina) mais e mais espaços acadêmicos e políticos, para ampliarmos mais e mais a sua presença nas nossas instituições e sociedades, contribuindo para a desalienação e sua libertação.